Imaginário, sagrado e fantástico: interseções e deslumbres na Amazônia

Wellerth Mendes Ribeiro¹

<http://lattes.cnpq.br/3732841781569453>

83

Enviado em: 16/09/2018

Aceito em: 23/02/2019

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo reconhecer, dentro dos contos “A Feiticeira” e “Acauã” de Inglês de Sousa, na obra *Contos Amazônicos*, a presença das expressões do Sagrado, relacionados com o imaginário da Amazônia. A conceituação do que seja o Sagrado será embasada na concepção de Rudolf Otto (2005), através também da definição do conceito de Numinoso, que é o que permite que as expressões e manifestações do sagrado possam ser sentidas. Por se tratar da utilização do texto literário, o conceito do sagrado a ser utilizado na análise da obra será equiparado ao conceito do Fantástico (TODOROV), gênero utilizado dentro da epistemologia da Literatura para explicar o sobrenatural. O trabalho visa estabelecer a relação entre estes conceitos e fundamentá-los para a construção de uma relação de análise estabelecida na linha da Literatura e Religião, apontado autores como Magalhães e Gaia, que constituem estudos sobre este prisma. Além disso, o artigo ainda versa sobre a relação do texto literário produzido na Amazônia, junto também aos conceitos de imaginário (DURAND, BACHELARD, TRINDADE E LAPLANTINE, PAES LOUREIRO) e suas particularidades regionais caracterizando-o para que haja uma análise coerente sobre as marcas da expressão do Sagrado que acontecem nos textos escolhidos para a análise e aplicabilidade de tais conceitos.

Palavras-chave: Religião, Literatura, Amazônia, Sagrado.

ABSTRACT: The purpose of this article is to recognize the presence of expressions of the Sacred, related to the imaginary of Amazonia, in the short stories "A Sorceress" and "Acauã" de Sousa English. The conceptualization of what is sacred will be based on the conception of Rudolf Otto (2005), also through the definition of the concept of Numinoso, which is what allows the expressions and manifestations of the sacred can be felt. Because of the use of the literary text, the concept of the sacred to be used in the analysis of the work will be assimilated to the concept of the Fantastic (TODOROV), a genre used within the epistemology of Literature to explain the supernatural. The work aims to establish the relationship between these concepts and to base them for the construction of an analysis relationship established in the line of Literature and Religion, pointed authors like Magalhães and Gaia, who are studies on this prism. In addition, the article also deals with the relation of the literary text produced in the Amazon, together with the imaginary concepts (DURAND, BACHELARD, TRINDADE AND LAPLANTINE, PAES LOUREIRO) and their regional characteristics, characterizing it for a coherent analysis of the marks of the expression of the Sacred that happen in the texts chosen for the analysis and applicability of such concepts.

Keywords: Religion, Literature, Amazon, Sacred.

O início do percurso...

Quando se ouve falar em ‘Amazônia’, muitas imagens e conceitos vêm à tona com uma

¹ Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. Mestre em Ciências da Religião – UEPA. Professor do Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação do Pará (IFPA). E-mail: wellerth.ribeiro@ifpa.edu.br

formatação que nos é passada pelos mais diversos meios de comunicação, quer seja em revistas, internet, meios de comunicação de massa, etc., fazendo então com que tais conceitos soem de forma polifônica, polissêmica, misteriosa até, visto termos um panorama místico sobre ela. Tal panorama vislumbra nas características da Amazônia uma singularidade ímpar dentro dos mais diversos campos de estudo e o campo literário, por sua imensa capacidade de sintetizar e refletir o cotidiano, reflete esta aura e traz à região, através de uma escrita condensada e imersa no imaginário local.

Falar sobre a Literatura que é produzida na Amazônia encontra no meio acadêmico divergências teóricas sobre a definição e conceituação em como esta deve ser chamada. Muitos teóricos procuram definir a Literatura produzida em âmbito regional, enquanto outros abordam o aspecto universalista do que é passado pela Literatura. Por isso, defensores da chamada “Literatura da/na Amazônia”, “Literatura Paraense” ou “Literatura brasileira” escrita na Amazônia divagam no bojo das denominações, mas não podem deixar de perceber as características intrínsecas que estão incorporadas dentro que é produzido dentro de um texto literário que vai abordar o dia a dia da Amazônia: sua peculiaridade². Esta peculiaridade da Amazônia está no fato das características geográficas serem um contraponto importante da escrita de todos que buscam praticar a Literatura por estas terras. A fluidez dos rios e os mistérios que adentram o conjunto florestal amazônico parecem produzir assombro, admiração e respeito não só nos nativos, naquele homem que vive o dia a dia entre florestas e rios, mas também “infectam” o escritor que tem na floresta a sua temática, a sua musa³ inspiradora para poetizar.

Casos na Amazônia: mitos, lendas, cultura do Sagrado e religiosidade

O homem sempre foi e ainda é um contador de histórias. As ideias, os medos, a esperança, o rancor, a curiosidade ante o desconhecido, enfim, tudo que o homem sente, ouve e vê necessita de uma explicação, necessita ser contado, e são essas características humanas que o tornam ser especial e fazem com que o homem transforme as coisas em algo especial. A curiosidade humana vem desde que o homem se entende na face da terra, e nos tempos arcaicos, quando os vários fenômenos naturais não tinham como ser explicados à luz da ciência e/ou outras áreas de estudo, a imaginação humana teve o trabalho de moldar o que observou à sua mente, tentando assim, apaziguar o que era inexplicável e não-entendível diante de si, como bem observa P. Commelin (1993) “...a humanidade deixa-se guiar não por sua razão, mas pelo desejo, pela necessidade de conhecer a razão dos seres e das coisas.” (p. 8). Histórias de pessoas, povos, animais, seres inanimados e etc são contadas através dos séculos com elementos fantásticos à realidade, e esses elementos são encaixados em um conjunto que é denominado *mito*. E a reunião de vários mitos de uma sociedade denomina-se mitologia.

Parece ser claro que a autoridade religiosa e o respeito pelo sobrenatural, na região amazônica, são do senso comum, do dia a dia de cada habitante e é pautado nisso que se pretende buscar essa padronização dos juízos estabelecidos dentro da comunidade. Para tratar daquilo que é sobrenatural do que não se explica, daquilo que o homem não entende

²José Guilherme dos Santos Fernandes, em artigo denominado “Literatura Brasileira de Expressão amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura Amazônica?” explana muito bem sobre a questão da abordagem da nomenclatura da Literatura em terras amazônicas.

³ Musa no conceito grego de inspiração, que era cultuada para que o poeta tivesse inspiração para poder escrever.

e opta por tratar como sendo algo fora de sua realidade ou de algo que não possui explicação, várias correntes de estudiosos sempre buscaram traçar paralelos e teorias para poder aplacar e conceber modelos que enquadrassem tais atitudes humanas. Psicólogos, sociólogos, escritores, antropólogos, religiosos, cada um em seu campo de saber, buscam estudar o ser humano como força primaz, como centro de todo acontecimento e a religião sempre teve um papel importante neste contexto, já que a palavra religião, etimologicamente, significa ‘religar’, ou seja, unir o homem ao *plano espiritual*⁴, estabelecer uma relação, um diálogo entre o Criador e o Homem. Para corroborar essa ideia, buscar-se-á refinar essa relação a partir do conceito de *Sagrado*, proposto por Rudolf Otto (2005), buscando entender o que tal autor nos informa a respeito da relação de *dependência* que o homem possui com o *Outro*⁵.

Dentro da epistemologia das Ciências das Religiões, o conceito de *Sagrado* encontra lugar de destaque, pois torna-se o elemento único em se tratando das manifestações que ocorrem no campo religioso. Falar do religioso e não falar em *Sagrado* é uma prática que não coaduna. O *Sagrado* está imbricado à experiência religiosa e com isso podemos pensar em algo subjetivo, porém, ao adiantar da leitura, o caminho vai se tornando objetivo pois percebe-se que a observação ante o *Sagrado* não vem de achismo, mas de uma visão crítica e minuciosa de tal fenômeno.

Rudolf Otto (2005) explica que a racionalidade pertence ao campo religioso e que a função dela, em um primeiro plano, é racionalizar, tornar entendível aquilo que não o poder ser: “[...] só se compreende exatamente o que são se os considerarmos como atributos de um objeto que, de alguma forma, lhes serve de suporte...” (p. 85), ou seja, a racionalidade não pode ser observada somente em um primeiro plano, pois de acordo com Otto, seria ‘sintética’, apesar da essencialidade da mesma.

Percebe-se, então, que dentro da concepção Ottoniana sobre o que seria o *irracional* dentro do contexto do *sagrado*, tem-se a relação intrínseca entre tais conceitos, pois no que concerne à tentativa de buscar se impor singularidades no campo religioso, tanto o *racional* quanto o *irracional* trazem o caminho de se conceituar o *sagrado*, onde o ‘racional’ passa pelo nosso entendimento dos conceitos que nos são conhecidos, familiares e, portanto, de fácil definição, logo sendo o ‘irracional’, pertencente ao obscuro, que escapa no do nosso sentimento, mas sim do entendimento.

Chegando, então, nas definições sobre o que seria o racional e o irracional e sobre o conceito do que seria sentimento, Rudolf Otto nos apresenta as conceituações sobre que seria o *sagrado*. De acordo com o autor: “O *sagrado* seria, no sentido completo da palavra, é, portanto, para nós, uma categoria composta. As partes que a compõem são, por um lado, os seus sentimentos racionais e, por outro lado, os seus elementos irracionais” (2005, p. 149).

O que o autor quer nos passar é a constatação de que a percepção de algo sempre se dá em um plano, o que nesta pesquisa se dá no plano religioso. Sendo assim, Otto nos faz reconhecer que no que concerne ao aspecto religioso, a necessidade da racionalização se dará no campo conceitual, mas, sabendo que os conceitos não são a única fonte de explicação ou aceitação, reconhece que o *homo religiosus*⁶ se utiliza de outros ‘campos de análise e compreensão’ para poder interagir de maneira mais ampla e satisfatória ante o *Sagrado*.

Dentro desta perspectiva, Otto nos demonstra que a religião é mística e pessoal e que

⁴ Preferimos utilizar o termo ‘plano espiritual’ para que não se passe uma ideia de concepção proselitista religiosa.

⁵ Conceituação que Rudolf Otto apresenta em *O Sagrado* e que será explicitada no corpo do trabalho.

⁶ Terminologia utilizada para definir o homem que acredita no sobrenatural

a despeito da colocação e atividade dos aspectos racionais dentro do campo religioso, a experiência sensorial define as relações entre homem religioso e sua visão de espiritualidade, essa experiência sensorial vem na capacidade de individualizar a religião no conjunto de sentimentos que residem nesse lado não racional.

Para Octavio Paz, a manifestação do Sagrado acontece tanto no sistema religioso, quanto na Literatura, uma vez que “a possibilidade de se que somos e que constitui nossa própria maneira de ser”. (PAZ, 1982, p. 220, tradução nossa), ou seja, estes dois traços característicos da expressividade do sentimento humano, de acordo com Octavio Paz, são um caminho de revelação do que somos e queremos. A poesia e a Literatura possuem o poder divino de tornar os atos humanos algo sobrenatural. É o poder de se contar, de se desvelar, de revelar o homem através dela (poesia, literatura). Com o destaque que Paz traz ao aspecto religioso dentro do campo da literatura, observa-se uma ligação com os conceitos Ottonianos do Sagrado, pois entendemos que o texto literário tem, dentro do seu universo, a necessidade de se perceber o aspecto ‘racional’ e o ‘irracional’ que permeia o texto literário.

Otto trabalha, de uma forma esquematizada, com o termo *Categoria*, e, a partir daí, elucida de uma maneira interessante, questões conceituais inerentes à fenomenologia da religião. Como categoria do Sagrado, Otto cria um neologismo, a saber, *Numinoso*, termo de origem latina, que significa ‘Deidade’. A busca por tal terminologia, vem das relações que Otto observa nas mais diversas religiões afirmando que todas as religiões o possuem.

O autor parte, então, para caracterização do *Numinoso* como “[...]de uma categoria especial de interpretação e de avaliação...”. O que se percebe é a questão racional que Otto fala juntando-se a “(...) da mesma maneira, de um estado de alma numinoso se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um **objeto** se concebe como numinoso”. (OTTO, 2005, p. 15, grifo nosso), onde se nota uma extrema subjetividade, relação íntima, a saber aquilo que Otto destaca como irracional. Percebemos aqui a noção de que Otto lança ao leitor de que o sagrado pode ser manifestado em objeto ou objetos, mas diferentemente de Mircea Eliade (1992) que propõe o conceito de Hierofania⁷, Otto nos deixa claro que tal objeto é apenas uma parte da manifestação dessa ordem. O *Numinoso* pode ser tratado como o estado do espírito que tem consciência do misterioso, terrível, sagrado, “inefável” instituindo temor e sendo um constituinte importante para a experiência religiosa.

Para tratar dos elementos do *Numinoso*, Rudolf Otto (2005) inicia seu texto com a colocação e o convite para que o leitor fixe atenção num momento em que experimentou uma emoção religiosa profunda e, na medida do possível, exclusivamente religiosa. Se não for capaz ou se até não conhece tais momentos, Otto pede que o leitor termine a sua leitura imediatamente.

Volta aqui a prevalecer a colocação de que os elementos do *Numinoso* só poderão ser compreendidos pelo que Otto chama de *sentimento do estado de criatura*, ou seja, a dependência do Divino, a relação de observar e se colocar na situação de que pouco ou nada se pode fazer diante de alguns momentos que se apresentam na experiência religiosa. Para tratar destes momentos, Rudolf Otto categorizou e dividiu este processo para que pudéssemos compreender a complexidade de tal situação nominando-o, em geral, de ‘*mysteriuns*’.

O *mysterium tremendum* é categorizado por Rudolf Otto como sendo causador de arrepios. Tal sentimento advém do fato de que o adjetivo *tremendum* remota ao tremor, ao medo.

⁷ Na hierofania, qualquer objeto pode ser tomado como objeto sagrado.

Otto explicita que: “Ele se parece, sem dúvida com o medo, e é por isso que este termo pode servir para o indicar por analogia, mas na realidade é outra coisa completamente diferente do medo” (2005, p. 23).

Vemos o autor trazer como caracterização de uma atuação ameaçadora, da construção dentro da criatura de sentimentos de incapacidade, de aceitação do momento, no qual se pode ter um estado de profundo recolhimento e que este sentimento pode assim transformar-se num estado de alma constantemente fluido. Afirmando que também pode surgir bruscamente na alma com choques e convulsões. Pode levar a estranhas excitações, ao inebriamento, aos arrebatamentos, ao êxtase, etc.

O autor ainda coloca que tal sentimento tem formas selvagens e demoníacas, que possui graus onde o homem pode perceber a manifestação do sagrado, “[...] pode transformar-se no silencioso e humilde estremecimento da criatura que fica interdita...em presença daquilo que está, num mistério inefável, acima de toda criatura” (2005, p. 22). A concepção proposta por Otto em um primeiro momento, demonstra que a criatura é impotente e incapaz diante do divino e que essa percepção o coloca diante de um momento parecido com um julgamento.

Ao se estabelecer esse paradigma, a criatura reconhece a sua incapacidade ante o divino e ao fazer isso, seu ser é como se fosse inundado pela certeza de que qualquer que seja seu esforço perante o divino, este será ínfimo, fazendo com que tal criatura reconheça sua pequenez. Otto diz que: “encontramos num místico cristão esta frase: o homem afunda-se e dissolve-se no seu nada e na sua pequenez. Quanto mais se descobre clara e pura aos seus olhos, a grandeza de Deus, tanto melhor reconhece a própria pequenez” (2005, p. 31). Encontramos aqui não mais um sentimento de terror, e sim um sentimento de reconhecimento de poder e autoridade. Aquilo que Otto nomeia como *majestas*. O sentimento que tal categoria exprime no homem é a conscientização, a percepção, a reordenação de seu posicionamento: “em contraste com o poder que pressentimos fora de nós, concretiza-se enquanto sentimento do nosso próprio apagamento[...]. Este sentimento numinoso forma, por assim dizer, a matéria da ‘humildade’ religiosa.” (2005, p. 30)

Finalizando aquilo que se entende por *majestas*, Rudolf Otto cita um texto de Tersteegen onde percebemos claramente a atuação desta categoria no homem religioso: “senhor Deus, essência necessária e infinita [...] Sim, amém! Tu és. O meu espírito inclina-se e o que há de mais íntimo em mim testemunha que tu és” (2005, p. 33).

Estes dois sentimentos (*tremendum* e *majestas*) causam no homem uma percepção de que existe um elemento em si que se apodera e os transforma, que os faz sentir, como uma fonte de *energia*. Otto conclama que tal sentimento chama-se *orgê* e: “Faz-se sentir de uma maneira particularmente viva na *orgê*, é a ela que se referem as expressões simbólicas de vida, de paixão, de sensibilidade, de vontade, de força, de movimento, de excitação, de atividade, de impulso” (2005, p. 34). Essa energia motiva o homem a manifestar o seu amor pelo divino, a prezar e zelar pelo momento sobrenatural: “...experiência põe a alma humana em estado de atividade, excita o ‘zelo’, provoca a tensão e a energia prodigiosas que o homem experimenta no ascetismo...” (OTTO, 2005, p.35).

O Numinoso sempre, ou quase sempre, se apresenta sob as formas categóricas que acima foram descritas. O homem se petrifica em temor, porém reconhece sua autoridade e, a partir daí, sente o desejo, a paixão para estar diante Dele. É neste momento, na forma de que o homem se sente atraído pelo divino, que Otto lança a proposta de que tais ações acontecem dentro do contexto do Numinoso, pois este possui a característica de fascínio, de cativar, de atrair. Rudolf Otto afirma que este é o fenômeno mais estranho e assinalável

dentro do contexto histórico-religioso, pois quanto mais demoníaca a ação do divino, sendo para a alma objeto de terror, simultaneamente possui o caráter de atrair e encantar, chamando de *fascinante*. Tal sentimento provoca um efeito de êxtase em quem o venera e percebemos que é o sentimento fascinante que, de certa forma, torna-se então o que de fato promove a permanência do *homo religiosus* na presença do numinoso, pois o *fascinans* demonstra o mais alto posto qualitativo do numinoso que é a percepção da santidade (*augustus*) do Numinoso e a consequente tentativa de demonstração de tais qualidade em suas atribuições diárias enquanto ser social, como ser correto, ético, moral (*sebastus*).

Relação entre literatura e religião...

O diálogo que existe entre religião e literatura só nos é possível e aceito pois as duas necessitam de algo bastante importante para que possam se expressar: a linguagem.

Bakhtin, (2004) aponta para os estudiosos da língua que a noção de discurso é dialógica e que este discurso é moldado de acordo com as necessidades que lhe são atribuídas quase que instantaneamente, pois de acordo com tal autor, a construção dos gêneros textuais se dá com a necessidade comunicativa. Sendo assim, pressupõe-se a necessidade de se observarem as ações comunicativas entre o locutor e o interlocutor para que se estabeleça um parâmetro de análise e verificação do processo comunicativo.

Heidegger (2003) percebe a importância da linguagem para o homem, pois para o mesmo, “falar nos é natural”, ou seja, a fala, não no sentido fisiológico de sua constituição, mas no sentido constitutivo da formação do homem enquanto ser pensante, causador de transformações pelo ato do falar, da comunicação entre si, é imperativa para o homem reconhecer a si e ao próximo, reconhecer e racionalizar, mas também operacionalizar no sobrenatural, na busca pelo divino, no reconhecimento de sua pequenez ante o poder e autoridade das manifestações do *Sagrado*. Para Magalhães um passo importante na interpretação da linguagem está no reconhecimento de que, em cada discurso, em cada narrativa, estão presentes pluralidade e diferença, polissemia e especificidade. Continua Magalhães nos colocando que constatar a linguagem como discurso significa que devemos compreendê-la além do seu estado solitário e sim em um contexto onde tais palavras nos remetem ao que julgamos por realidade (2003, p. 7).

Ainda na esteira dos conceitos dos estudos da língua enquanto ser social, enquanto molde que reflete a sociedade onde a língua é utilizada, percebe-se a relação de tais conceitos com o que Antonio Magalhães (2000) define na citação acima. A necessidade de (re)descobrir o discurso linguístico e suas informações. Já sabemos que a língua serve para a comunicação, mas o que deixamos de perceber é que significação em determinado contexto nos é passada pelo discurso, ainda mais se tal discurso carrega uma carga semântica polissêmica, principalmente no campo literário, em que o texto além de possuir suas características estilísticas, sempre vem com a visão da realidade do ponto de vista de quem o escreve.

Magalhães afirma que o debate em torno da relação entre a teologia e literatura possui importância, mesmo que o olhar e os debates sobre o tema sejam tucanos ainda. Magalhães afirma que: “Não criamos um verdadeiro diálogo entre teologia e literatura no nosso continente. As nossas aproximações têm sido muito episódicas, tornando-se verdadeiras exceções nas linhas mestres do pensamento teológico latino-americano.” (MAGALHÃES, 2000, p. 84)

Em nossa visão, caso as palavras de Magalhães sejam comprovadamente corretas, a

análise e a busca pela relação entre literatura e religião necessitam de um encaminhamento para que se possa ter um aporte teórico que resulte em mais estudos sobre tal diálogo interdisciplinar, visto termos ainda poucos autores que se debruçam sobre este campo de estudos, sendo que sua obra é uma destas exceções em que o mesmo cita. Tal percepção de Magalhães (relação entre teologia x literatura) reside no fato de que existe uma questão lógica que os estudiosos da literatura não percebem: o Cristianismo, religião importante no mundo ocidental, fundamenta o Sagrado através da memória, da narrativa, da escrita, do sobrenatural, do fantástico, e como tal, pode ser incluído enquanto literatura. O cristianismo como literatura está inscrito, portanto, dentro de enorme produtividade de interpretações e traduções, tem papel contundente na história das religiões e ocupa lugar especial na vida sociocultural das sociedades latino-americanas. (Cf. MAGALHÃES, 2000)

O que Magalhães nos passa diante desta colocação é aquilo que Otto também tece em sua obra, que é a percepção das questões religiosas em nosso dia a dia. A importância de se observar o fenômeno religioso, especialmente através da literatura, que nada mais é do que contar, observar a sociedade através de uma visão subjetiva do autor que conduz (ou é conduzido) pela obra literária, citando Magalhães: “a literatura não é, porém, somente mediação antropológica, ou melhor, uma pergunta antropológica que careceria de uma resposta de revelação” (2000, p. 105), com isso, reafirmamos que o propósito do trabalho é elencar as expressões do Sagrado dentro dos contos de Inglês de Sousa, contribuindo, assim, para uma leitura da narrativas não com a ilusória pretensão de se trilhar pelo caminho proposto por Magalhães de uma *teologia narrativa*, mas sim de poder caminhar por um espaço tal qual temos aos montes na Amazônia que são trilhas que nos levam a vários lugares com seus encantos e mistérios, com a certeza de que a expressividade do Sagrado caminha junto ao texto que fala da Amazônia.

Pode-se observar a riqueza do que temos dentro do texto literário consoante à Amazônia. Este texto literário busca refletir as características locais, e, como visto antes, não pode deixar de elencar todo o aspecto cultural que é tão peculiar a este espaço do Brasil. A expressividade amazônica e religiosa que aqui existe, através de toda a simbologia que se tem, quer seja com a água, a floresta e os demais elementos da biodiversidade da Amazônia e também com a cultura da região, que traz em seu bojo os mitos e as lendas, o *imaginário* é vastamente observado dentro dos vários textos literários que temos sobre nossa região. A junção de todos estes fatores mencionados, elabora um texto literário recheado do sobrenatural, do fantástico, do Sagrado, juntando em si, naturalmente, o conteúdo necessário para que se possa afirmar que existe o *diálogo* dentro do *texto literário* entre o aspecto literário que o mesmo possui *com a religião*.

Um exemplo da relação entre Imaginário, Sagrado e Fantástico

Para que possamos compreender tudo o que nos foi apresentado antes, buscamos analisar um conto escrito por Inglês de Sousa, que tem como base algumas lendas e mitos amazônicos, que são composições fortes do Imaginário da região, e dentro da narrativa iremos descrever os aspectos do Sagrado que é de fácil relação com o Fantástico⁸.

⁸ De acordo com Todorov, fantástico está relacionado à hesitação do leitor: “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 1975, p. 148). Para ele, o fantástico ocorre enquanto durar a incerteza, a hesitação que caracteriza a atitude do herói, da personagem e do leitor implícito

Na análise do conto “A Feiticeira”, o narrador velho Estevão tomando a frente das contações de histórias, assim começa:

O tenente Antônio de Sousa era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem o lobisomem e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério, e até de passear às dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta-feira maior. (SOUSA, 2004, p. 77)

Neste trecho da obra, podemos observar claramente a afirmação do narrador de que o personagem Antonio de Sousa ‘zomba das coisas sérias’, dos ‘santos e dos milagres’, refletindo assim um aspecto natural e racionalizado do homem com aquilo que o rodeia. Nota-se que Inglês de Sousa personifica, através das bases epistemológicas que fundamentam o período literário ao qual a obra pertence, a saber, o Realismo – Naturalismo, valores como o cientificismo e o Positivismo no personagem Antonio de Sousa. Tal personagem, na concepção teoria de Rudolf Otto sobre o Sagrado, contempla à racionalidade a sobreposição sobre não-racional, levando assim, à negação dos elementos mais peculiares que são componentes primordiais do fenômeno religioso.

No segundo parágrafo, nota-se a reprovação da atitude do personagem Antonio Sousa por parte do narrador do conto:

Eu não lhe podia ouvir tais leviandades em coisas medonhas e graves sem que o meu coração se apertasse, e um calafrio me corresse a espinha. Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providência, sob qualquer forma que se manifestem, quando a gente chega à idade avançada em que a lição da experiência demonstra a verdade do que os avós viram e contaram, custa ouvir com paciência os sarcasmos com que os moços tentam ridicularizar as mais respeitáveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem espíritos fortes, como dizia o dr. Rebelo. Peço sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinário que pareça. Sei que o poder do Criador é infinito e a arte do inimigo varia. Mas o tenente Sousa pensava de modo contrário! (SOUSA, 2004, p. 77)

Tal atitude de reprovação por parte do narrador da história para com Antonio de Sousa, de acordo com o postulado teórico Ottoniano, é a expressão do elemento especial do Sagrado, o Numinoso, através do ‘sentimento de ser criatura’, pois bem observamos o narrador afirmar ser ‘leviano’ por parte de Antonio de Sousa ter tais comportamentos, qualificando tais atitudes deste como ‘coisas medonhas e graves’, causando, então, um ‘aperto no coração e um calafrio que lhe corria a espinha’. O sentimento de ser criatura relaciona-se com algo fora de si, longe do alcance do narrador (Estevão), porém, que lhe causa medo. Este sentimento, refletido em Estevão, objetiva constatar a inferioridade, pequenez, fraqueza daquele que o reconhece, pois, o homem tem a percepção do divino, com isso mesmo Estevão refletindo o medo, existe nele o sentimento do respeito, de atração, devoção, amor. Estes sentimentos provocam a devoção e o arrebatamento, apontando para a criatura a sua total nulidade ante ao que se considera divino. Percebido isto, a criatura reconhece a sua total dependência, que é muito bem retratada nesta parte da obra: “Peço sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinário que pareça. Sei que o poder do Criador é infinito e a arte do inimigo varia”. (p.77)

Além da expressão de total dependência que é retratada neste trecho, também observamos a relação de se reconhecer a *majestade* do divino “sei que o poder do Criador é

infinito...”, majestade esta constituída, na expressão do narrador, em poder *infinito*.

Se temos por um lado a total dependência ante o Sagrado, o reconhecimento de que é pequeno e a nulidade em si, e a adjetivação da superioridade do Sagrado, podemos observar o contraponto dos postulados Ottonianos, e isso acontece na obra de Inglês de Sousa intencionalmente, pois pensamos que a obra é conduzida para embate entre ciência e religião (Cf. GAIA, 2016), e o autor, através de suas personagens, retrata o viver e agir amazônida permeado de religiosidade. Sendo assim:

Apontava à lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um curupira, um lobisomem ou uma feiteiceira. Ficava impassível vendo cair uma estrela e achava graça ao canto agoureiro do acauã, que tantas desgraças ocasiona. Enfim, ao encontrar um agouro, sorria e passava tranquilamente sem tirar da boca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar. (SOUSA, 2004, p. 77)

Acima, o autor busca retratar o agir do homem, simbolizado em Antonio Sousa, que zomba da religião, que nega o sobrenatural e sua ação, e consequentemente, nega o Sagrado, o Numinoso, a total dependência, a majestade divinal...

Logo após tais colocações sobre as atitudes de Antonio Sousa, Estevão, o narrador do conto, tece comentários expondo muito veementemente seu ponto de vista:

– Quereis saber uma coisa? Filho meu não frequentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém, parece que todas as crenças velhas vão pela água abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e Leviana afasta-se dos princípios que os pais lhe inculcaram no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo. Os maus livros, os livros novos, cheios de mentiras, são devorados avidamente. As coisas sagradas, os mistérios são cobertos de motejos, e, em uma palavra, a mocidade hoje, como o tenente Sousa, proclama alto que não crê no diabo (salvo seja, que lá me escapou a palavra!), nem nos agouros, nem nas feiteiceiras, nem nos milagres. É de se levantarem as mãos para os céus, pedindo a Deus que não nos confunda com tais ímpios! (SOUSA, 2004, p. 77)

Aqui temos uma certa crítica, uma oposição, a explanação dicotômica ente o racional e o não racional, e isto é justamente o que Rudolf Otto busca conciliar, já que para ele, a racionalização da religião por si só não a destrói, contudo, a redução do viés religioso sob a égide racional torna-o restrito. Estevão, ao praguejar a modernidade e a busca por conhecimento, retrata uma crítica ao homem que, ao racionalizar por demais a religião, esqueceu-se de que o não racional também opera no meio religioso.

“O *infeliz* Antônio de Sousa, transviado por esses propagadores do mal, foi vítima de sua leviandade ainda não há muito tempo.” (SOUSA, 2004, p. 77, grifo nosso)

Percebemos aqui a constatação que Estevão faz sobre a falta de credo em Antonio Sousa. Feita esta constatação, o narrador assim chama Antonio Sousa: *infeliz*. Mas *infeliz* porquê? Para o *homo religiosus*, não poder contar com o Numinoso, não sentir o sobrenatural é não experimentar aquilo que Otto conceitua como *Orgê*. As atividades de Antonio Sousa ferem os conceitos de adoração, respeito, contemplação, de ética e fraternidade que o narrador da história possui por se entregar à vida religiosa e isto denota falta de sentido da/na vida ao ponto do narrador da história tomar para si a atitude de classificar o modo de vida não se de Antonio Sousa, mas também de todos os que não adentram ao sobrenatural como sendo infelizes. Não basta ter um bom estilo de vida, ser culto, cordial, respeitador, se não houver a reverência e temor ao divino, conforme podemos visualizar neste trecho da obra:

O seu gênio folgazão, a sua urbanidade e delicadeza para com todos, o seu respeito pela lei e pelo direito do cidadão faziam dele uma autoridade como poucas temos tido. Seria um moço estimável a todos os respeitos, se não fora a **desgraçada mania de duvidar de tudo**, que adquirira nas rodas de estudantes e de gazeteiros do Rio de Janeiro e do Pará.

Desde que lhe descobri esse **lastimável defeito**, previ que não acabaria bem. Ides ver como se realizaram as minhas previsões. (SOUSA, 2004, p. 78, grifo nosso)

Vejamos este trecho:

Antônio de Sousa passava o tempo a visitar os sítios de cacau, conversando com os moradores, a quem ouvia casos extraordinários, ali sucedidos e zombando das crenças do povo. Como lhe falassem muitas vezes da Maria Mucoim, afamada feiticeira daqueles arredores, mostrava grande curiosidade de a conhecer. Um dia em que caçava papagaios, com Ribeiro, contou o desejo que tinha de ver aquela célebre mulher, cujo nome causa o maior **terror** em todo o distrito. (SOUSA, 2004, p. 78, grifo nosso)

Percebemos na leitura deste trecho da narrativa o aspecto de medo e pavor que a personagem Maria Mucoim causa nos moradores do distrito por conta de sua relação com o sobrenatural. Sua influência no desenrolar da história é tanta que o título do conto remete a esta personagem. Podemos conjecturar que Inglês de Sousa escolheu nomear e centralizar o arco da história nesta personagem para que houvesse uma grande ironia: escrever um texto em um período de ‘declaração de guerra’, já que o Realismo nada mais é do que o reflexo literário de uma sociedade que tenta se afastar das ‘rédeas da religião’, da busca pela condução de seu destino e autonomia em ações, coisas que eram (e porque não ainda?) muito afetadas pela religiosidade.

A importância de Maria Mucoim é constatada neste trecho da obra:

O Ribeiro olhou para ele, admirado, e depois de uma pausa disse:

– Como? Não conhece a Maria Mucoim? Pois olhe, ali a tem.

E apontou para uma velha que, a pequena distância deles, apanhava galhos secos. (SOUSA, 2004, p. 78)

Segue-se então, a descrição da personagem como sendo nefasta, de arquétipo vil, maltrapilha, sinistra, de “...aspecto medonho que não consigo descrever.” O narrador faz questão de pontuar que, além de ter um aspecto totalmente sujo, a personagem Maria Mucoim “...trazia ao pescoço um cordão sujo, de onde pendiam numerosos bentinhas, falsos, já se vê, com que procurava **enganar** ao próximo, para ocultar a sua verdadeira natureza.” (SOUSA, 2004, p. 78, grifo nosso), onde, percebemos que Inglês de Sousa busca trazer ao cenário da narrativa o conflito religioso que existe no mundo. Apesar desta colocação inicial, Inglês de Sousa retrata muito bem que existe uma ‘simbiose’, um ‘ecumenismo’ em terras da Amazônia, especialmente entre a religião católica e as religiões indígenas e as de matriz africana. Esta relação ecumênica é inicialmente revelada no texto a partir desta parte:

A Maria Mucoim, segundo dizem más línguas (que eu nada afirmo nem quero afirmar, pois só desejo dizer a verdade para o bem-estar da minha alma), fora outrora caseira do defunto padre João, vigário de Óbidos. Depois que o reverendo foi dar contas a Deus do que fizera cá no mundo (e severas deviam ser, segundo se dizia), a tapuia retirou-se para o Paranamiri, onde, em vez de cogitar em purgar os seus grandes pecados, começou a exercer o hediondo ofício que sabeis, naturalmente pela certeza de já estar condenada em vida. (SOUSA, 2004, p. 78-79)

Temos um trecho interessante da obra que retrata um certo maniqueísmo religioso por parte do narrador da história, quando este assim relata:

Quem nada pode esperar do céu, pede auxílio às profundas do inferno. E se isto digo, não por leviandade o menciono. Pessoas respeitáveis afirmaram-me ter visto a tapuia transformada em pata, quando é indubitável que a Mucoim jamais criou aves dessa espécie. (SOUSA, 2004, p. 79, grifo nosso)

Ao realizar tal colocação, Estevão demonstra muito bem a divisão religiosa que existe não só na localidade retratada no conto, mas também em nosso dia a dia, ao colocar sua doutrina⁹ religiosa como sendo o único caminho para o paraíso. É interessante também notar que o narrador relata a zoomorfização¹⁰ da personagem em uma pata: “...a tapuia transformada em pata...” e utiliza esta afirmação para poder acusar Maria Mucoim de se utilizar de práticas religiosas contrárias aos seus credos.

Observemos esta parte:

Mas o Antônio de Sousa é que não acreditava nessas toleimas. Por isso atreveu-se a caçar da feiticeira:

– Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?

(Lá me escapou a palavra maldita, mas foi para referir o caso tal como se passou. Deus me perdoe.)

A tapuia não respondeu, mas pôs-se a olhar para ele com aqueles olhos sem luz, que intimidam aos mais corajosos pescadores da beira do rio.

O rapaz insistiu, admirando o silêncio da velha. – É certo que você é feiticeira?

O demônio da mulher continuou calada e levantando um feixe de lenha, pôs-se a caminhar com passos trôpegos.

O Sousa impacientou-se:

– Falas ou não falas, mulher do...?

Como moço de agora, o tenente gastava muito o nome do inimigo do gênero humano. (SOUSA, 2004, p. 79)

Este trecho da obra inicia o embate entre Maria Mucoim e Antonio Sousa, representando muito a racionalidade e a não racionalidade, aquilo que Otto critica dentro dos sistemas religiosos. Para Otto é necessário que haja um ‘meio termo’, pois o racional e o não racional são componentes necessários e podem coexistir dentro do fenômeno religioso. Esse embate entre os dois personagens personifica e tipifica as ações entre a razão e o sentimento: “Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?”. O vocábulo ‘velha’ retrata muito bem a condição de idade de Maria Mucoim, porém, possui uma carga semântica que indica não somente o aspecto temporal dela, mas também as práticas religiosas, o crer no sobrenatural, a vida em contato com o desconhecido, com o *fantástico*. Percebe-se por parte das atitudes de Antonio Sousa a total descrença e certo desdém pela cultura religiosa local.

O *homo religiosus*, por ser conhecedor dos caminhos místicos, sente repulsa e medo, quer ser de entidades sobrenaturais ou de agentes dessas entidades. Na Amazônia, por termos sistemas religiosos sincréticos, estes agentes se multiplicam por entre ruas e rios, paisagens artificiais e paisagens naturais e isso explica a colocação do narrador diante do confronto

⁹ Preferimos o termo ‘doutrina’ substituindo ‘fé’, por entender que a fé não leva ao preconceito, mas sim a doutrina que o mesmo segue.

¹⁰ Zoomorfização é o processo em que o ser humano se transforma em determinado animal. Este processo pode ser literal, como é o caso da afirmação do narrador ou figurado (atitudes e pensamentos).

entre Antonio Sousa e Maria Mucoim:

Os lábios da velha arregaçaram-se, deixando ver o único dente. Ela lançou ao rapaz um olhar longo, longo que parecia querer traspassar-lhe o coração. Olhar diabólico, olhar terrível, de que Nossa Senhora nos defenda, a mim e a todos os bons cristãos. (SOUSA, 2004, p. 79)

Não obstante, talvez em um momento onde o embate racional perdeu-se no campo do sobrenatural e Antonio Sousa adentrou, de modo inadvertido ou involuntário, temos neste personagem a sensação de que o mesmo, em uma fração temporal, experimentou o *sentimento de ser criatura*, e sobreveio dentro deste o sentimento de *tremendum*, não necessariamente sendo sobre o divino, mas sim daquilo que ele não conhecia, não tinha pesquisado, estudado, vivenciado.

O riso murchou na boca de Antônio de Sousa. A gargalhada próxima a arrebentar ficou-lhe presa na garganta, e ele sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. O seu olhar sarcástico e curioso submeteu-se à *influência* dos olhos da feiticeira. Quiçá pela primeira vez na vida soubesse então o que era *medo*. (SOUSA, 2004, p. 79, grifo nosso)

Esta parte do texto reforça muito bem o comportamento do homem quanto ao sobrenatural. O entendimento, a razão, sempre vai tentar elencar, quantificar toda e qualquer situação para que a mente racional possa compreender e tornar lógico o acontecimento, sendo assim, a atitude de Antonio Sousa, logo após, não chega a surpreender:

Mas não se mostrou vencido, que de rija têmpera de incredulidade era ele. Começou a dirigir motejos de toda espécie à velha, que se retirava lentamente, curvada e trôpega, parando de vez em quando e voltando para o moço o olhar amortecido. Este, conseguindo afinal soltar o riso, dava gargalhadas nervosas que assustavam aos japiins e afugentavam as rolas das moitas do cacau. Louca e imprudente mocidade! (SOUSA, 2004, p. 79)

Contudo o mais irônico na narrativa é que estas tentativas de se estabelecer ordem e lógica são tachadas pelo narrador do conto como 'louca e imprudente', pois na conceituação Ottoniana do Sagrado, a relação racional/ não racional é importante para o conjunto religioso.

Continuando com a narrativa, Antonio Sousa decide se encaminhar à casa de Maria Mucoim no outro dia. O dono do sítio onde o mesmo se hospedava tentou dissuadir o tenente desta empreitada, afirmando que a mulher era louca, pois: "Era de mais a mais esse dia uma sexta feira". Esta espécie de *hierofania* do dia a que Antonio Sousa pretendia executar tal ação demonstra o que Eliade em sua concepção sobre o Sagrado nos ensina. O conto segue:

A tarde estava feia. Nuvens cor de chumbo cobriam quase todo o céu. Um vento muito forte soprava do lado de cima, e o rio corria com velocidade, arrastando velhos troncos de cedro e periantãs enormes onde as *jaçanãs* soltavam pios de aflição. As aningas esguias curvavam-se sobre as ribanceiras. Os galhos secos estalavam e uma multidão de folhas despegava-se das árvores para voar ao sabor do vento. Os *carneiros* aproximavam-se do abrigo, o *gado* mugia no curral, bandos de periquitos e de papagaios cruzavam-se nos ares em grande algazarra. De vez em quando, dentre as trêmulas aningas saía a voz solene do *unicórnio*. Procurando aninhar-se, as fétidas ciganas aumentavam com o grasnar corvino a grande agitação do rio, do campo e da floresta. Adiantavam os sapos dos atoleiros e as rãs dos capinzais o seu concerto noturno alternando o canto desenxabido. Tudo isso viu e ouviu o tenente Sousa do meio do terreiro, logo que transpôs a soleira da porta, mas convencerá a um *espírito forte* a precisão dos augúrios que nos fornece a maternal e franca natureza? (SOUSA, 2004, p. 80, grifo nosso)

A construção do cenário em que o personagem Antonio Sousa começa a adentrar remete para um espaço onde o insólito, o sobrenatural está em acordo, em harmonia com o real. Os animais reais e imaginários dividem o mesmo espaço e interagem no campo onde não sabemos mais se estamos em um sonho ou divagando na realidade, porém o eufemismo em ‘espírito forte’, que nada mais é do que o homem que não acredita no sobrenatural, pois, de acordo com o narrador, não decifra os sinais que a ‘maternal e franca natureza’ oferecem para Antonio Sousa.

Numa palhoça miserável, na narrativa de pessoas dignas de toda a consideração, se passavam as cenas estranhas que firmaram a reputação da antiga caseira do vigário. Já houve quem visse, ao clarão de um grande incêndio que iluminava a tapera, a Maria Mucoim dançando sobre a cumeeira danças diabólicas, abraçada a um bode negro, coberto com um chapéu de três bicos, tal qual como ultimamente usava o defunto padre. Alguém, ao passar por ali a desoras, ouviu o triste piar do murucututu, ao passo que o sufocava um forte cheiro de enxofre. Alguns homens respeitáveis que por acaso se acharam nos arredores da habitação maldita, depois de noite fechada, sentiram tremer a terra sob os seus pés e ouviram a feiticeira berrar como uma cabra. A casa, pequena e negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, servindo de porta interior uma abertura redonda, tapada com um topé velho. A porta exterior é de japá, o teto de pindoba, gasta pelo tempo, os esteios e caibros estão cheios de casas de cupim e de cabas. (SOUSA, 2004, p. 80)

Podemos perceber neste trecho do conto que existe a interlocução sincrética das religiões católica, indígenas e de matriz africana tipificadas nas atitudes relatadas acima. Também nestes relatos, o autor da obra começa a caracterizar a personagem Maria Mucoim de acordo com o título da obra, denotando a estas atitudes de relação com o místico, com o sobrenatural. É interessante notar o artifício linguístico que Inglês de Sousa se utiliza para provocar e confirmar ao leitor de sua obra que o local onde Maria Mucoim habita é, por excelência, reduto do fantástico, do sobrenatural. Ao relatar que “...o sufocava um forte cheiro de enxofre”, Inglês de Sousa intensifica a afirmação de que o Sagrado, o Numinoso ali está presente.

Dona deste reduto, Maria Mucoim porta-se de forma contemplativa ante o bem-te-vi, em um total estado de *fascínio*, como se reconhecesse a sua total dependência ante o divino, percebendo a grandeza e pureza da natureza, como bem podemos notar:

Sousa encontrou a velha sentada à soleira da porta, com queixo metido nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas, com o olhar fito num bem-te-vi que cantava numa embaubeira. Sob a influência do olhar da velha, o passarinho começou a agitar-se e a dar gritinhos aflitivos. A feiticeira não parecia dar pela presença do moço que lhe bateu familiarmente no ombro. (SOUSA, 2004, p. 81)

Porém este estado contemplativo logo é perdido, pois temos a ideia do confronto entre a razão e o sentimento, só que desta vez, nos parece que o confronto será fora do campo ideológico.

“– Ora me deixe, branco. Vá-se embora, que é melhor. ” Podemos observar aqui a ênfase que Maria Mucoim dá a Antonio Sousa para que não adentre, não perturbe algo que não compreende. A personagem diz a Antonio Sousa para que o mesmo não entre, pois ele não pertence aquele mundo *fantástico*. Temos na Bíblia exemplos claros da proibição de quaisquer outros, que não os sacerdotes, para entrar no Santo dos Santos, pois a entrada sem autorização, sem reverência e temor ao Divino, seria passível de morte.

A entrada de Antônio de Sousa causou um movimento geral. O murucututu entreabriu os olhos, bateu as asas e soltou um pio lúgubre.

O gato pulou para a rede, o bode recuou até ao fundo do quarto e arremeteu contra o visitante. Antônio, surpreendido pelo ataque, mal teve tempo de desviar o corpo, e foi logo encostar-se à parede, pondo-se em defesa com o terçado que trouxera. (SOUSA, 2004, p. 82)

Percebe-se o total entrelaçamento do real com o fantástico, com o sobrenatural. Os animais, pertencentes e, porque não, participantes daquele ambiente sobrenatural, estranham a presença do intruso e “então que animada por gestos misteriosos da velha...” atacam Antonio Sousa, reclamando sua saída daquele ambiente.

Segue-se o embate físico no conto, onde os animais atacam Antonio Sousa com a intenção de expulsá-lo daquele ambiente, mas que podemos trazê-lo ao campo das ideias, naquilo que Otto busca teorizar para que não se tenha o conflito entre a razão e o sentimento (racional e não racional)

É interessante notar a intertextualidade de acontecimentos sobrenaturais relacionados com ossos humanos. Vemos em Ezequiel 37, o Divino ordenando a seu profeta que interaja com ossos humanos até o momento em que os mesmos tomam forma viva. Ossos também estão na narrativa de Inglês de Sousa, “...amontoados a um canto, e que das cumbucas (parecia)corria sangue vivo”.

Chegando aos momentos finais do conto, temos Antonio Sousa matando o bode negro no quarto de Maria Mucoim, gerando assim uma onda de gritos de todos os outros animais que antes atacavam Antonio Sousa. Tem-se a impressão de que o sobrenatural sucumbe, é derrotado pelo aspecto racional, pela lógica de Antonio de Sousa, porém:

O tenente Sousa, como se tivesse atrás de si o inferno todo, pôs-se a correr pelos cacauais. Chovia a cântaros. Os medonhos trovões do Amazonas atroavam os ares; de minuto em minuto relâmpagos rasgavam o céu. O rapaz corria. Os galhos úmidos das árvores batiam-lhe no rosto. Os seus pés enterravam-se nas folhas molhadas que tapetavam o solo. De quando em quando, ouvia o ruído da queda das árvores feridas pelo raio ou derrubadas pelo vento, e cada vez mais perto o uivo de uma onça faminta. A noite era escura. Só o guiava a luz intermitente dos relâmpagos. Ora batia com a cabeça em algum tronco de árvore, ora os cipós amarravam-lhe as pernas, impedindo-lhe os passos. (SOUSA, 2004, p. 82)

O fantástico, o improvável, o sobrenatural vem fechando este maravilhoso conto, já que ao mesmo tempo em que Antonio Sousa começa a fugir da situação, uma grande inundação começa a acontecer, mas Antonio Sousa “...ia prosseguindo sem olhar para trás, porque temia encontrar o olhar da feiticeira, e estava certo de que o seguia uma legião de seres misteriosos e horrendos”.

Chegando ao sítio, ardendo em febre e deitado na rede, Antonio Sousa percebe o quarto molhado e descobre a enchente que está crescente na localidade, saindo, procurando ajuda, Antonio Sousa faz uma constatação, estava só, saindo à procura de ajuda:

De súbito viu aproximar-se uma luzinha e logo uma canoa, dentro da qual lhe pareceu estar o tenente Ribeiro. Pelo menos era dele a voz que o chamava.

– Socorro! – gritou desesperado o Antônio de Sousa, e, juntando as forças num violento esforço, nadou para a montaria, salvação única que lhe restava, no doloroso transe.

Mas não era o tenente Ribeiro o tripulante da canoa. Acocorada à proa da montaria, a Maria Mucoim fitava-o com os olhos amortecidos, e aquele olhar sem luz, que lhe queria traspasar o coração.... Uma gargalhada nervosa do dr. Silveira interrompeu o velho Estêvão neste ponto da sua narrativa. (SOUSA, 2004, p. 83)

O fim do conto nos traz uma certeza: não existe vitória ou derrota entre a disputa do racional e do não racional, aquilo que Rudolf Otto busca afirmar. A relação entre ambos é que diferencia o olhar e a observação do sobrenatural agindo na vida daqueles que acreditam. Contudo, esta certeza não dilui as várias outras dúvidas que o conto nos proporciona com este final. Temos a personagem Maria Mucoim compreendendo e outra vez aceitando a força infinita divinal, mas poder caracterizar esta personagem depende de um profundo exercício hermenêutico, pois, dentro do sistema religioso judaico-cristão, podemos confabular uma intertextualidade de personagens e ações que transcorreram no final da narrativa de Inglês de Sousa. Afinal de contas, Maria Mucoim pode lembrar, de forma distante, Noé em seu périplo no grande dilúvio bíblico ou esta personagem seria a besta do apocalipse para a comunidade de Paranamiri?

REFERÊNCIAS

- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da amazônia ou literatura amazônica? In: **Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB**, João Pessoa, v. 6, n. 2/1, p. 111-116, 2004.
- GAIA, Eron Max Xabregas. Conflitos entre cientificismo e religiosidade popular a partir de Inglês de Sousa. Disponível em : www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/418/467, acesso em 25/02/2016
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da Linguagem**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução João Gama. Lisboa: edições 70, 2005.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Editorial F.C.E., 1967.
- SOUSA, Inglês. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à narrativa fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.